

XVIII

CÍMON SEGUNDO PLUTARCO

A *Vida de Címon* (que tem como correspondente latina a de Luculo) é a mais breve das que chegaram até nós: tem apenas dezanove capítulos, três dos quais são dedicados ao prefácio onde o Queroneu justifica a sua opção pelos membros que compõem o par por ela integrado. Podemos, pois, afirmar que constitui uma exceção quanto ao tamanho¹, sobretudo no âmbito das outras vidas de atenienses do século V (que oscilam entre os vinte e sete e os trinta e nove capítulos), mas que se enquadra perfeitamente no conjunto das biografias que abrem com um prefácio² (ainda que a elas sobressaia pela riqueza do texto inicial).

Efetivamente, além de ser doutrinário – na medida em que nele se explicam alguns dos fundamentos que presidem à composição das *Vitae*³ (*Cim.* 2.2-5) – este prefácio é também dos mais pormenorizados quanto aos ensejos que levaram à escolha dos protagonistas por Plutarco. Neste caso, a opção do biógrafo é motivada pela personalidade e ações do romano e não do grego, algo que, de início, pode causar alguma estranheza. Contudo, se revisitarmos, ainda que “en passant”, os outros vinte e um pares conhecidos, tal estranheza de imediato se esvaece, pois verificamos o seguinte: em nove deles (a saber *Licurgo-Numa*, *Aristides-Catão Maior*, *Agésilau-Pompeio*, *Temístocles-Camilo*, *Alcibíades-Coriolano*, *Lisandro-Sula*, *Alexandre-César*, *Pirro-Mário*, *Filopémen-Flaminino*) não se faz referência a quem irá ser o segundo termo da comparação; em seis deles, não se apresenta um pretexto especial nem se diz se o elemento central do par é o grego ou o romano (*Péricles-Fábio Máximo*, *Pelópidas-Marcelo*, *Díon-Bruto*, *Paulo Emílio-Timoleonte*, *Demóstenes-Cícero*, *Demétrio-António*); em um deles (*Sólón-Publícola*), ainda que a justificação ocorra no texto dedicado ao romano (*Pub.* 1.1), o protagonista do par é grego; nos seis restantes afirma-se claramente que o elemento que motivou o paralelo foi o romano (*Teseu-Rómulo*, *Címon-Luculo*; *Nícias-Crasso*, *Fócion-Catão-o-Moço*, *Sertório-Êumenes* e a téttrade

¹ Blamire 1989, 3-4 procura justificar a brevidade do texto, apresentando, entre outros motivos, a hipotética escassez de elementos para preenchê-lo, nomeadamente no que respeita à formação deste estadista ou à origem da sua riqueza.

² Nem todas as vidas que ocupam a primeira posição no par começam assim. O início das biografias de Alcibíades, Temístocles e Aristides, por exemplo, remete de imediato para as origens do respetivo protagonista.

³ Neste passo, Plutarco insiste na necessidade de não escamotear os pequenos defeitos dos seus heróis por ter consciência da imperfeição da natureza humana e compara o texto biográfico ao trabalho de um pintor.

Ágis e Cleómenes-Tibério e Caio Graco). Assim, perante estes dados, talvez possamos inferir que a ausência de indicação do elemento do par que funciona como móbil da comparação constitui uma responsabilização tácita do indivíduo de origem grega.

No que concerne à estrutura interna desta vida, consideramos que obedece àquela que, por norma, as demais seguem. Após um prefácio de três capítulos (*Cim.* 1-3), que, como já vimos, não ocorre em todos os pares, o biógrafo fala-nos da origem, da formação e do caráter de Címon, bem como da relação deste com Elpinice (*Cim.* 4).

Esta parte merece-nos uma atenção particular, principalmente se a compararmos com as correspondentes das vidas dos homens de Estado atenienses do século V redigidas por Plutarco. Com efeito, destas, apenas a de Péricles sobressai pela abundância de informação veiculada sobre a *paideia* do biografado (*Per.* 4-6). Seguem-se-lhe as de Temístocles (*Them.* 2.1-7), a de Alcibíades (*Alc.* 2.5-7) e a de Címon (*Cim.* 4.5), com informação bastante mais ligeira; nas biografias de Aristides e Nícias a informação é nula. Se tivermos em conta que, desde os Poemas Homéricos, se entendia que a formação do futuro governante deveria ser alvo do maior rigor e cuidado⁴, não podemos deixar de nos questionar sobre as razões que levaram o moralista a proceder assim na composição destas vidas. À primeira vista, a abundância de elementos relativos a Péricles decorre não só do facto de Plutarco ter tido acesso a eles, mas sobretudo da sua intenção de sugerir que o êxito daquele enquanto estadista é diretamente proporcional à formação de excelência que recebeu. Do mesmo modo, a quase ausência de dados sobre Alcibíades insinua que o seu comportamento desregrado decorre de uma educação deficiente. Se nos cingirmos a uma reflexão mais profunda sobre os dois Alcmeónidas, isto é, duas pessoas que pertencem à mesma família, somos levados a concluir que a formação tem um papel tão ou mais fulcral no desenvolvimento do caráter dos indivíduos do que os fatores consanguinidade e características inatas. No que respeita a Címon (vamos ater-nos a este para não nos alongarmos demasiado sobre um tema que não é objeto do presente estudo), não era pertinente aprofundar a questão, já que ele terá sido educado na Trácia em moldes distintos daqueles que são habituais entre os Gregos.

Ao capítulo consagrado às origens, segue-se outro dedicado ao ingresso na vida política ativa (*Cim.* 5), que será depois esmiuçada nos capítulos seguintes com a descrição das grandes empresas em que Címon esteve envolvido (*Cim.* 6-8 – 12-15). Pelo meio, em especial nos capítulos 9 a 12,

⁴ Sobre a importância da formação do homem de Estado de excelência, vd. Ferreira 2012, 135-157.

podemos considerar que o biógrafo se desvia um pouco da temática político-militar para ilustrar melhor alguns aspetos do caráter do filho de Milcíades que contribuíram para o seu importante papel na condução do destino da pólis (a saber perspicácia, doçura (πράως), generosidade (ἀφθονία, φιλιανθρωπία), incorruptibilidade (ἀδέκαστος, ἄθικτος) e capacidade de inovação e empreendedorismo – sugeridos, de resto, ao longo do texto).

A partir do capítulo 15, começa a desenhar-se o declínio do poder deste estadista (para o qual foi decisivo o ostracismo mencionado no capítulo 17), que culmina com a alusão às circunstâncias da sua morte nos capítulos 18 e 19. Neste último, à semelhança do que acontece em diversas vidas, o biógrafo não só refere os monumentos fúnebres e outras homenagens póstumas ao herói, como também reflete sobre a evolução da vida social e política de Atenas após o seu desaparecimento.

No entanto, mais do que analisar a estrutura externa e interna deste texto, importa-nos atentar nos traços de caráter que despertaram o interesse de Plutarco por Címon para tentarmos compreender como influenciaram a sua atuação política e a sua relação com aliados e adversários.

Se considerarmos o capítulo 4, a preferência do Queroneu por este filho de mãe trácia poderá parecer pouco lógica, na medida em que nele o biógrafo começa por relevar os principais defeitos de Címon desde a mais tenra idade, considerados herança do seu avô paterno:

τὸν πρῶτον ἠδόξει χρόνον ἐν τῇ πόλει καὶ κακῶς ἤκουεν ὡς ἄτακτος καὶ πολυλότης καὶ τῷ πάππῳ Κίμωνι προσεικῶς τὴν φύσιν, ὃν δι' εὐθήϊαν φασὶ Κοάλεμον προσαγορευθῆναι. (*Cim.* 4.4)

«de início tinha má fama na cidade e passava por libertino e bebedor⁵, semelhante pela sua natureza ao avô Címon, que, diz-se, recebeu a alcunha de *Simplório* por causa da sua candura».

Mas a verdade é que Címon nunca deixou que as suas prevaricações influenciassem a conduta do homem de Estado. Quando muito, acredita Plutarco (*Cim.* 14.5), se não tivesse essas falhas, poderia ter sido muito mais bem sucedido à frente do destino da pólis.

Esta capacidade de impedir a interferência da vida privada na pública contraria uma tradição que remonta a Teseu e que caracterizou a atuação de diversos políticos depois dele. O filho de Egeu abandonou Atenas à própria sorte e às mãos do demagogo Menesteu por causa da sua maior fraqueza, as mulheres; Alcibíades aliou-se aos inimigos lacedemónio e persa contra os próprios concidadãos, porque reagia sempre a quente e não era capaz de aceitar que alguém o contrariasse. O próprio Péricles foi acusado de ter cedido aos interesses de Aspásia por causa da irredutibilidade com que tratou a

⁵ Este vício de Címon também é assinalado em Plut. *Praec. ger. reip.* 800D.

questão de Mégara (*Per.* 30.4). Não nos surpreende, por isso, que Plutarco louve o comportamento de Címon na *synkrisis* (*Comp. Cim.-Luc.* 1.7-8), onde avança, como justificação para este feito, a atividade frenética do estadista⁶ (que, segundo *Cim.* 13.2-3, chegou a vencer duas batalhas no mesmo dia).

Ainda assim, no momento em que os adversários quiseram afastá-lo, serviram de argumento de acusação e arma de ataque, entre outras, estas falhas de caráter que nunca interferiram com a sua atuação política, (*Cim.* 15.4-5), como testemunham os versos de Êupolis (fr. 221 K.-A.) que o Queroneu recorda:

Κακὸς μὲν οὐκ ἦν, φιλοπότις δὲ κάμελής·
κάνιότ' ἄν' ἀπεκοιμάτ' ἄν' ἐν Λακεδαίμονι
κᾶν Ἑλπινίκην τῆδε καταλιπὼν μόνην.

«Não era mau tipo, apesar de borracho e desleixado,
Às vezes dormia na Lacedemónia
E deixava Elpinice aqui sozinha».

Estes versos de Êupolis remetem para os outros defeitos de Címon, que sustentaram os ataques políticos que lhe foram feitos: o seu entusiasmo excessivo por mulheres (τοῖς περὶ ταῖς γυναικάς ἐρωτικῶς, *Cim.* 4.9)⁷ e o filolaconismo (*Cim.* 15.3; 16).

Ora, o primeiro, ainda que possa constituir uma falha de comportamento, não deixa de ser típico do homem ateniense. Como já vimos, remonta a Teseu e foi também partilhado por Alcibíades. Até Péricles, que ficou conhecido pela sua moderação, foi acusado de ter amantes (*Per.* 13.15), o que nos faz pensar que, apesar de um eventual fundo de verdade, tais imputações resultariam sobretudo de ataques normais entre adversários políticos. Por isso, o que mais incomoda o biógrafo em relação a Címon não é a possibilidade de este se ter relacionado com várias mulheres, mas o facto de ter sido acusado de manter uma relação incestuosa com a irmã, cuja fama não

⁶ Esta atividade está relacionada com o tradicional empreendedorismo ateniense de que nos dá testemunho Thuc. 1.70.1-4 (passim), que remonta a Teseu. Vd. Ferreira 2012, 120 sqq. Note-se, no entanto, que em *Praec. ger. reip.* 800D, passo no qual o biógrafo afirma que o político também responde pelos seus atos privados, Alcibíades surge como exemplo de alguém a quem nem o excesso de atividade político-militar salvou de uma vida desregrada.

⁷ Este interesse é em parte comprovado através da notícia de uma elegia de Melânio, na qual se faz referência a duas mulheres cortejadas pelo filho de Milcíades, e reforçado, em *Cim.* 16.1-2, onde se indica o nome de uma mulher espartana que, segundo Estesímbroto, terá dado à luz os filhos dele. a este propósito, o biógrafo apresenta ainda uma versão distinta, com origem em Diodoro Periegeta, de acordo com o qual a mãe dos filhos de Címon é Isodice, a sua legítima esposa.

era das melhores⁸. Embora relate diferentes versões a este respeito (*Cim.* 4.6-8), Plutarco dá a entender que não aceita tais boatos, do mesmo modo que, não obstante os rumores, acredita na afeição de Péricles por Aspásia (*Per.* 24.8-9, 32.5). Para ele, a única informação verdadeiramente plausível é a do amor sincero e profundo que o filho de Milcíades nutriu pela esposa Isodice (*Cim.* 4.10).

Já o filolaconismo constitui uma questão mais delicada. Não sendo uma imperfeição ético-moral, daquelas para as quais Plutarco procura colocar de sobreaviso governantes e futuros governantes, é sem dúvida uma grande falta para um político ateniense – ou pelo menos algo estranho. Com efeito, sendo a rivalidade que opunha Atenas a Esparta quase imemorial⁹, não é fácil compreender como é que um estadista assumidamente pró-espartano se mantém tanto tempo no poder com o apoio do povo, por mais que ambas as póleis atravessassem um período de paz na sequência do tratado celebrado por ocasião das Guerras Médicas.

Esta identificação com os valores e a maneira de ser dos Lacedemónios é sugerida, pela primeira vez no texto (*Cim.* 4), entre a notícia da má reputação que os vícios lhe granjeavam e a exposição sobre o incesto, mas associada às qualidades da sua alma – a nobreza (γενναῖον) e a sinceridade (ἀληθές). Plutarco considera que Címon tem um perfil próprio dos naturais da Lacedemónia mais do que de um ateniense e ilustra-o com um verso lapidar do *Héracles* de Eurípides:

Φαῦλον, ἄκομψον, τὰ μέγιστ' ἀγαθόν
«simples, rude e extremamente bom»¹⁰.

Se no passo que acabamos de referir é Plutarco quem sugere o filolaconismo do estadista, no capítulo 14 é o próprio Címon quem, para se defender dos que o acusavam de ter aceitado um suborno de Alexandre, se assume como próximo dos Lacedemónios – dos quais admirava e imitava a temperança (εὐτελεία) e a prudência (σωφροσύνη).

O filolaconismo do biografado, contudo, não se limita à emulação da espartana virtude. Em *Cim.* 16.1, através do testemunho de Estesímbroto, somos informados de que teve filhos de uma mulher lacedemónia, aos quais também deu nomes estrangeiros, facto que motivou constantes investidas de Péricles contra os jovens¹¹ (cf. *Per.* 29.1-2). Em *Cim.* 16.2, também de acor-

⁸ Em *Per.* 10.5-6, os testemunhos que Plutarco evoca a propósito de Elpinice têm forte conotação sexual que decorre da má fama da conduta desta mulher.

⁹ A este propósito, vd. Ferreira 2012, 87.

¹⁰ A simplicidade de Címon que aqui se apregoa volta a ser referida em *Cim.* 5.5, mas com recurso a outro vocábulo (ἀφέλεια).

¹¹ Uma delas poderá ter sido uma lei que Péricles fez aprovar entre 451-450 a. C. (período do arcontado de Antídoto – cf. Arist. *Ath.* 26.4), segundo a qual, apenas poderiam ser consi-

do com Estesímbroto, ficamos a saber que Címon não perdia a oportunidade de exaltar as qualidades do povo que tanto admirava e de contrapor a maneira de ser dos Espartanos à dos Atenenses, o que, como é óbvio, não deixava os concidadãos satisfeitos e acabou por estimular uma grande má vontade para com este líder político¹².

Ora, a forma como Plutarco aborda este tema no corpo da biografia parece sugerir o modo como os Atenenses lidaram com essa peculiaridade de Címon, que, não sendo segredo para ninguém (além de ser anunciada logo no início do texto, é assumida sem medo pelo próprio filho de Milcíades), só começou a dar mostras de incomodar verdadeiramente já na fase final da carreira do estadista (no texto, a partir do capítulo 15), num momento em que os adversários políticos insistiam no ataque contra o estrategista e em que, mais confiantes no seu poder, os concidadãos já não sentiam necessidade dos benefícios que advinham da relação privilegiada que Címon mantinha com os Espartanos para assegurar a paz.

Não se pense, contudo, que os Atenenses foram os únicos interesseiros. O conhecimento da estima que Címon lhes tinha fez com que os Espartanos, cuja relação com Temístocles se tornava cada vez mais difícil, apoiassem o ingresso do filho de Milcíades na vida política ativa¹³ (*Cim* 16.2; *Them.* 20.4).

Podemos, assim, considerar que o filolaconismo foi para Címon uma faca de dois gumes: se de início lhe valeu o apoio de Atenenses e Lacedemónios, acabou por ser também o motivo da sua desgraça. Com efeito, apesar da oposição ao envio de ajuda aos Espartanos, Címon conseguiu chegar a Messénia com o auxílio solicitado. No entanto, a sua insistência no socorro aos Lacedemónios em 462 a. C. ocasionou, em Atenas, o descontentamento da oposição (encabeçada por Efialtes) e a fúria dos Espartanos, porque, ao

derados atenienses aqueles cujos pais fossem ambos atenienses. Os estudiosos modernos têm apresentado justificações várias para a promulgação desta lei, de entre as quais destacamos a de Jacoby (*FGrHist* 3B suppl., 1, pp. 477-481), que acredita que Péricles tinha motivações políticas, que pretendia atacar os inimigos, em particular Címon (cuja mãe não era ateniense). Tendo em conta que a lei não era retroativa, tal hipótese só pode ser considerada minimamente plausível se entendermos que o objetivo de Péricles seria o de atingir Címon através dos filhos, cuja mãe era lacedemónia. A verdade é que Aristóteles, a única fonte antiga a avançar com uma explicação, defende que o que conduziu à aprovação desta lei foi a dimensão excessiva do corpo de cidadãos (*Ath.* 26.4; cf. *Pol.* 1278a). Vd. Lewis 1992, 101-102, 167-168.

¹² A relação dos Atenenses com os seus governantes era volátil, pouco pacífica, mesmo perigosa. Sobre este assunto vd. Ferreira 2012, 232 sqq.

¹³ Címon subiu ao poder apoiado pelos Espartanos, por Aristides (*Cim.* 5.6, *An seni resp. ger.* 795C), que também se opunha à atuação de Temístocles (*Cim.* 5.5, 10.8), e pelo povo, igualmente cansado do filho de Néocles (*Cim.* 5.5).

que parece, as tropas sob o seu comando não tiveram o desempenho que aqueles esperavam. Por isso, como começavam a temer o poderio de Atenas, os Lacedemónios pensaram que essa «falta de êxito» era propositada e dispensaram as forças atenienses (*Cim.* 16.4-10 e 17.3). A autoridade de Címon ficou desacreditada e, quando ele tentou opor-se à reforma do Areópago, não foi difícil acusá-lo de laconismo e votá-lo ao ostracismo¹⁴ (*Cim.* 15.3).

Se bem que os defeitos enunciados nas últimas páginas sejam razão de sobra para estranhar a opção de Plutarco por um tal protagonista, a verdade é que o biógrafo ainda acrescenta mais dois ao rol: a educação atípica de um aristocrata e político ateniense (de que já falámos) e, quiçá o mais grave para um homem de Estado, o facto de Címon não ter o dom da palavra que este povo considerava ser-lhe inato. Nisso difere, obviamente, de um Péricles, cuja fama, entre outros motivos, decorre da sua extraordinária habilidade enquanto orador, uma habilidade que tem tanto de inato quanto de estudo laborioso (*Per.* 8).

A verdade é que, apesar desta revelação de Plutarco, ficamos com a ideia de que o desempenho de Címon no domínio da oratória, não tendo sido brilhante, não poderá ter sido assim tão mau... Se Címon, um incapaz em termos retóricos, consegue, entre outras coisas¹⁵, vencer a forte oposição de Efilates e convencer os concidadãos a ajudar Esparta, talvez a afirmação de Plutarco seja um pouco excessiva ou talvez haja outra justificação para o sucesso de um «político malfalante». Eu inclino-me mais para esta segunda hipótese. Se não, vejamos: de entre os heróis de Plutarco, Címon não é o único com problemas no campo da oratória. Alcibíades, por exemplo, era bleso (*Alc.* 1.6-8) e isso também não o impediu de atingir os seus objetivos, porque, justifica Plutarco, os concidadãos achavam graça à imperfeição da sua pronúncia.

Assim sendo, podemos concluir que a eloquência é uma mais valia para um político superior mas não uma qualidade cuja ausência impeça qualquer estadista de exercer convenientemente as suas funções, desde que tenha outro tipo de virtudes que levem o povo a aderir à sua causa. Foram, pois, os outros atributos de Címon que conseguiram esvaecer os defeitos revelados no início da biografia e fazer dele um protagonista digno da eleição do Queroneu.

¹⁴ Vd. Lewis 1992, 68-72.

¹⁵ Címon opôs-se aos ataques que o povo dirigiu contra a aristocracia na tentativa obter mais privilégios (*Cim.* 15.1). Só na sua ausência, por intercessão de Efilates, é que o povo retirou o poder ao Areópago e se fez dono dos tribunais, precipitando a cidade numa democracia sem restrições (*Cim.* 15.2, *Per.* 8.8, *Pl. R.* 582c-d).

De resto, o quinto capítulo, que marca o ponto de mudança na descrição deste herói, abre com uma frase lapidar sobre o caráter do filho de Milcíades:

τὰ δ' ἄλλα πάντα τοῦ ἥθους ἀγαστὰ καὶ γενναῖα τοῦ Κίμωνος.

todos os outros traços do caráter de Címon eram nobres¹⁶ e admiráveis.

Um dos primeiros traços que Plutarco sugere (e digo sugere, pois não usa nenhum vocábulo nesse sentido) é próprio dos Atenienses (Thuc. 1.70.1-4) e valeu a Címon o apoio popular. Refiro-me à abertura de espírito para a novidade, para a inovação e para o empreendedorismo. Efetivamente, em *Cim.* 5.2-3, o biógrafo conta-nos que o filho de Milcíades não hesitou em consagrar à deusa Atena as rédeas de um cavalo para sugerir a necessidade de substituir a cavalaria por uma armada e que de imediato embarcou para combater em Salamina. Já em *Cim.* 12.2, o biógrafo dá-nos a conhecer a faceta de engenheiro náutico do estrategista, que, à boa maneira ateniense, aproveitou a experiência adquirida para aperfeiçoar a construção e a utilização das trirremes¹⁷.

Outra das virtudes pela qual o filho de Milcíades se distinguiu foi a doçura¹⁸ (πρότης *Cim.* 5.5; πρώως *Cim.* 6.2, 16.3) e a humanidade (φιλάνθρωπος *Cim.* 6.2) no trato com as pessoas, independentemente das suas origens. Esta é uma qualidade importantíssima para quem quer conduzir o povo pelo caminho que considera correto sem provocar situações desagradáveis de atrito. Tal doçura foi, segundo o Queroneu, um dos motivos que levou o povo ateniense a se aproximar do jovem estadista (*Cim.* 5.5). E é também com ela que Plutarco justifica a transferência da hegemonia de Esparta para Atenas, pois Címon

πρώως μὲν τοῖς συμμάχοις, κεχαρισμένως δὲ τοῖς Λακεδαιμόνιοις ὀμιλοῦντος (*Cim.* 16.3).

«tratava os aliados com doçura e os Lacedemónios com complacência».

Com efeito, apesar do papel primordial de Atenas na vitória de batalhas como as de Maratona e Salamina, era Esparta quem presidia à coligação dos

¹⁶ Note-se a insistência na nobreza do caráter, à qual o biógrafo já fizera alusão em *Cim.* 4.5.

¹⁷ Ainda que não haja qualquer testemunho que atribua a Péricles uma invenção do género, a verdade é que o Queroneu menciona o apreço do filho de Xantipo por todo o tipo de engenhos que constituíssem novidade, sobretudo os bélicos. Isso fez com que, por exemplo, tivesse escolhido para assessor o engenheiro Ártemon (*Per.* 27.3-4).

¹⁸ Esta característica também é mencionada em *Arist.* 23.1, onde se fala em τὴν Κίμωνος ἐπιείκειαν. Não deixa de ser interessante notar que, em *Them.* 24.6, Plutarco narra uma atitude cruel de Címon para com um amigo de Temístocles, à qual não faz qualquer alusão na *Vida de Címon*. Tal omissão deve decorrer de um esquecimento, pois o biógrafo alude com frequência a ações menos dignas dos seus heróis, quer acredite ou não nelas.

Gregos que se opunham ao inimigo persa. Contudo, quer os Espartanos quer os aliados andavam insatisfeitos: os primeiros tinham cada vez mais dificuldades em conviver com a liderança de Aristides (do lado ateniense); os segundos, com o modo prepotente como Pausânias os tratava. Por isso, os Espartanos incentivaram a ascensão política de Címon, sem imaginar que os aliados acabariam por vir a entregar aos Atenienses o governo da coligação¹⁹. Ou, se preferirmos a perspectiva de Plutarco, não foi com recurso às armas, mas por ação das suas palavras e do caráter moderado de Címon que, aos poucos, Atenas se apoderou da hegemonia na Grécia (*Cim.* 6.2).

A afabilidade, a *πρότης*, a diplomacia e o tato com que este estadista orientava os próprios atos quer na política²⁰ quer na guerra não o impediam de levar a cabo ações enérgicas. De resto, Plutarco justifica a escolha de Címon para protagonista de um dos seus textos (ainda que motivada por Luculo) com as extraordinárias capacidades bélicas do estadista²¹ (*Cim.* 3.1), cuja coragem (*ἀνδρώδης*, *Cim.* 5.2) – manifestada desde logo na batalha de Salamina – constitui um dos motivos da afeição que o povo lhe votava²² (*Cim.* 5.2-3).

Plutarco parece nutrir especial admiração pelos inúmeros sucessos militares do filho de Milcíades. Numa primeira leitura de *Cim.* 3.1, passo que alude à natureza bárbara do inimigo e às inúmeras e importantíssimas vitórias obtidas por Címon no estrangeiro (narradas, por exemplo em *Cim.* 12, 14), este pendor laudatório pode não ser apreendido em toda a sua dimensão e pode mesmo ser entendido como uma mera descrição dos factos. Mas a verdade é que a alusão concreta à vitória sobre o inimigo não grego nos remete para *Per.* 28.6, trecho no qual Elpinice contrapõe as opções de Péricles no domínio da política externa às do seu irmão. Segundo ela, Címon singularizou-se por direcionar a inesgotável energia dos Atenienses para combates que não opusessem os povos helénicos entre si (como os que

¹⁹ Podemos, mais uma vez, constatar que Plutarco apresenta perspectivas diversas de um mesmo acontecimento em função do protagonista da biografia em causa. Se nesta responsabiliza Címon pela sedução dos aliados, em *Arist.* 23.1-2 considera que é este quem, ao se aperceber da excessiva dureza de Pausânias para com aqueles, começa a tratá-los *πρώως καὶ φιλανθρώπως* e incita o filho de Milcíades a fazer o mesmo nas expedições.

²⁰ Cf. *Cim.* 3.1, onde se faz referência à sua conduta política moderada, que evitou desencontros mais sérios entre as diferentes fações políticas. Cf. *Cim.* 15.2.

²¹ Plutarco enaltece as capacidades militares de Címon e de Luculo, afirmando os únicos que lhes eram superiores eram figuras lendárias – Hércules, Dionísio, Perseu e Jasão (*Cim.* 3.2).

²² Em *Cim.* 8.7, o biógrafo aponta como principal motivo do apreço popular a recuperação da ossada de Teseu (cf. *Thes.* 36), feito que se relaciona igualmente com a coragem e com habilidade bélica do estadista, pois só foi possível depois que Címon conquistou a ilha de Esciro. Sobre este assunto vide Podlecki 1971.

travou contra Fenícios e Medos), enquanto o filho de Xantipo parecia determinado em defrontar os povos irmãos. Podemos, por isso, inferir destes dois excertos, que, embora não o admita abertamente, Plutarco partilha da opinião de Elpinice²³.

Esta nossa suspeita é corroborada por *Cim.* 8.2, passo no qual a posição do Queroneu a este respeito parece ser mais contundente. Por sua livre iniciativa, com recurso a uma interrogação retórica (para a qual obviamente não indica resposta), o biógrafo leva o leitor a refletir na razão pela qual os Atenenses admirariam mais os feitos de Címon do que os de outros estrategos, apontando como possível justificação o facto de estes se terem limitado a repelir o inimigo da Grécia, enquanto o filho de Milcíades os atacara no seu próprio território.

A aposta no direcionamento da *πολυγραμμασύνη* e das capacidades militares dos Atenenses contra os Bárbaros tinha como objetivo, para além da componente patriótica que Plutarco volta a enaltecer em *Cim.* 11.2 (a propósito da boa relação que Atenas manteve com os aliados depois de assumir a hegemonia) e em *Cim.* 18.1 (sobre a expedição ao Egito e Chipre para evitar ataques aos Gregos), beneficiar a Grécia – e Atenas em particular – com os recursos tirados àqueles que eram os seus inimigos por natureza (*Cim.* 10, 18.2).

Mas o produto dos saques não é a única fonte de rendimentos de que Atenas passa a dispor sob o comando de Címon. Não nos podemos esquecer de que, quando Esparta perde a hegemonia sobre a coligação grega que combatia o inimigo persa, os aliados deixam de contribuir com soldados ou navios e passam a fazê-lo em numerário. Este enriquecimento súbito possibilita a Címon – cujo carácter era magnânimo por natureza – partilhar roupas, alimentos e até dinheiro com todos os que disso necessitavam (quer fossem Atenenses quer fossem estrangeiros²⁴), o que lhes permitia dedicarem-se à causa pública (*Cim.* 10.1; cf. *Per.* 9.2).

A generosidade e hospitalidade de Címon – que de resto são uma espécie de traço genético partilhado pelos Atenenses em geral (*Cim.* 10.6-7) – são de tal modo exaltadas em *Cim.* 10 que Plutarco chega a dizer que se vivia

²³ Apesar de recorrentes na *Vida de Péricles*, as intervenções de Elpinice são quase ignoradas na biografia de Címon, exceto a sua intercessão junto do filho de Xantipo por altura do processo em que o irmão foi acusado de ter aceitado suborno de Alexandre (*Cim.* 14.5, *Per.* 10.6). Tal parece ir ao encontro da estratégia narrativa de Plutarco, que acrescenta ou omite episódios em função do herói em causa: se na biografia de Péricles as intervenções de Elpinice reforçavam as virtudes e capacidades do filho de Xantipo, por se tratar de uma mulher cuja reputação era duvidosa, na de Címon teriam o efeito contrário, logo são omitidos.

²⁴ Segundo Arist. *Ath.* 27.3, tais benesses só seriam concedidas aos membros do demo de Alcibíades.

um ambiente de partilha semelhante à mítica comunidade de bens que reinava no tempo de Cronos.

Esta abundância de recursos financeiros também permitiu que fossem realizadas obras que contribuíram quer para a proteção (muralhas) quer para o embelezamento da cidade (*Cim.* 13.5-7), ainda que tenham sido mais modestas do que as realizadas sob o governo de Péricles (*Per.* 13.1-14).

Ora, a generosidade de Címon motivou calúnias diversas²⁵. Há quem o tenha acusado de se deixar corromper²⁶ e de usar a riqueza pública em proveito próprio. Plutarco, contudo, discorda e coloca-o no mesmo patamar de um Efiltes²⁷ e de um Aristides (*Cim.* 10.8), que simbolizam aqueles políticos que não se deixaram seduzir pelo dinheiro²⁸. Há igualmente quem o tenha acusado de adular o povo e de ser demagogo²⁹. Plutarco, no entanto, diverge desta posição com o argumento de que Címon sempre agiu de modo aristocrático e sempre foi próxeno dos Lacedemónios, na certeza de que, quem assim age, não pode manter com o povo uma relação demasiado estreita. Neste âmbito, o estadista tem um comportamento próximo do de Aristides, mas totalmente diverso do de Efiltes (que pertencia ao partido popular e, por isso, tentava, através das suas ações, agradar às massas) e do de Péricles³⁰ na fase de ascensão ao poder (isto é, aquela em que tinha como principal adversário o próprio Címon – cf. *Per.* 7.3, 9.2).

Do que acabamos de dizer e da leitura desta biografia, fica evidente que o Queroneu compara com alguma frequência Címon a outros estadistas do seu tempo, em particular, Milcíades (*Cim.* 5.1, 8.1-2) e Temístocles (*Cim.* 5.1-2, 8.1-2) para valorizar determinadas qualidades do primeiro. No que a estes três políticos respeita, ainda que o biógrafo considere que são equivalentes

²⁵ Sobre essas calúnias, *Praec. ger. reip.* 802E e 821E.

²⁶ Em *Cim.* 14.3, recorda-se o processo de que Címon foi alvo, acusado de aceitar suborno de Alexandre, e a sua defesa em tribunal (vd. supra p. 288, n. 23).

²⁷ A descrição da atuação de Efiltes na *Vida de Címon* é feita, no geral, de forma negativa, ao contrário do que acontece na *Vida de Péricles*. Cf. etiam *Praec. ger. reip.* 805D.

²⁸ Ainda que neste contexto – compreensivelmente – Plutarco não lhe faça qualquer alusão, a verdade é que Péricles é outro exemplo máximo do político que não se deixa corromper (cf. *Per.* 15.3), ao contrário de Temístocles, cujo enriquecimento decorrente da atividade política é testemunhado por Teopompo e Teofrasto (*Them.* 25.3)

²⁹ Ainda que nesta biografia o Queroneu não identifique nenhum dos testemunhos negativos a que teve acesso, não é difícil recordar a posição de Platão (*Grg.* 515, 518e), que considerava a abundância de riqueza e as políticas levadas a cabo por Temístocles, Címon e Péricles nefastas para Atenas, porque fizeram com que o povo deixasse de ser prudente e trabalhador (cf. *Arist.* 25.9, *Per.* 9.2). De acordo com o filósofo, o único político contemporâneo destes com valor era Aristides.

³⁰ A comparação com Péricles. Note-se, contudo, que na biografia deste estadista a sua aproximação ao povo resulta em larga escala da necessidade que ele sentiu de competir com a liberalidade de Címon pela simpatia do povo.

em valor (Címon e Milcíades), em engenho (Címon e Temístocles) e capacidades bélicas, a verdade é que o protagonista sai sempre vencedor, porque supera os outros dois em justiça e habilidade política. No entanto, curiosamente, a mesma estratégia não é usada em relação a Péricles, que apenas é mencionado por três vezes em todo o texto³¹ (*Cim.* 14.5 – intervenção de Elpinice em defesa do irmão aquando da acusação de corrupção –, 16.1 – ataques de Péricles contra os filhos de Címon – e 17.8-9 – decreto através do qual Címon é chamado do exílio). Destas três alusões, apenas uma é menos favorável ao filho de Xantipo (*Cim.* 16.1). As outras duas revelam um Péricles que trata com alguma lealdade o seu principal adversário político, pois não é excessivo na perseguição do réu (no primeiro caso) e sabe reconhecer não só o seu valor mas também o quanto Atenas precisava do seu contributo (segundo caso).

Este último passo (*Cim.* 17.8-9) reveste-se de grande importância para a caracterização dos dois estadistas no que à sua conduta política diz respeito. Embora ambos fossem sedentos de glória (*Cim.* 8.7, em relação a Címon) e tivessem as suas disputas, tinham a noção de que o que mais importa é o Bem da pátria e não a satisfação pessoal e, por isso, norteavam as suas ações por esse princípio. Segundo Plutarco (*Praec. ger. reip.* 812D-E)³², foi também por causa dessa convicção que acordaram em distribuir as tarefas governativas e o poder de acordo com a vocação de cada um: Péricles encarregou-se pessoalmente da cidade (porque tinha mais aptidão para a política) e deixou a tarefa de equipar os navios e de lutar contra os bárbaros para Címon (que tinha mais aptidão para a guerra – *Per.* 10.4-5).

Podemos, assim, concluir que o retrato psicológico deste político que, em *Cim.* 5.3, o Queroneu descreve fisicamente como um homem de aspeto irrepreensível (ἦν δὲ καὶ τὴν ἰδέαν οὐ μεμπτός), alto (μέγας) e de cabeleira farta e encaracolada (οὐλῆ καὶ πολλῇ τριχὶ κομῶν τὴν κεφαλὴν) é sobretudo humano, pois os seus defeitos nem ofuscaram totalmente as virtudes nem o impediram de servir condignamente a pátria.

Apesar de pouco comedido no que respeita a mulheres e bebida e de não ser um ateniense da gema (no que respeita ao nascimento e ao coração), a verdade é que superou muitos dos políticos gregos em generosidade, empreendedorismo, incorruptibilidade e moderação, que valeram a Atenas a hegemonia sobre as pólis gregas e a ele um profundo reconhecimento da Hélade em geral.

³¹ O mesmo não se pode dizer das referências a Címon na *Vida de Péricles*, bem mais numerosas: *Per.* 7.3-4; 9.2, 9.5; 10.1, 10.3-6; 10.8; 11.1; 16.3; 28.6, 29.1-2.

³² Neste passo, o Queroneu defende que, num governo, cada um deve fazer aquilo que sabe para aumentar a eficácia da gestão.

Este retrato comprova aquilo que Plutarco diz no início desta obra: nenhum carácter é totalmente irrepreensível e importa não sobrevalorizar excessivamente, em detrimento das virtudes, as faltas morais. Para traçar este perfil, o biógrafo reutiliza a informação disponível, de modo a valorizar as características de homem de Estado que a pessoa de Címon lhe permite exaltar. O que importa reter é que o Címon de Plutarco se enquadra na imagem que o Queroneu parece ter daquelas que são as principais traços do governante ateniense e que se mantiveram mais ou menos constantes de geração em geração.

Ana Ferreira
Universidade do Porto/CECH

BIBLIOGRAFIA

- A. Blamire, *Plutarch Life of Kimon*, London 1989
A.M.G. Ferreira, *O homem de Estado ateniense em Plutarco: o caso dos Alcmeónidas*, Coimbra 2012
D.M. Lewis *et alii*, *The Cambridge Ancient History*, V: *The Fifth Century B.C.*, Cambridge 1992
D. J. Mosley, *Cimon and the Spartan proxeny*, «Athenaeum» 49, 1971, 431-432
A.J. Podlecki, *Cimon, Skyros and Theseus' Bones*, «JHS» 91, 1971, 141-143